

Infraestrutura e projeto no desenvolvimento regional com características chinesas

Infrastructure and projectment in regional development with Chinese characteristics

cintia neves godoi*

Lisandra pereira Lamoso**

sandro Luiz Bazzanella***

► DOI: <https://doi.org/10.14295/principios.2675-6609.2025.171.004>

Xinhua / Zuma Wire



Acima, vilarejo rural na província de Ghizhou; abaixo, arquitetura moderna na cidade portuária de Guangzhou, terceira maior cidade da China



RESUMO

Este artigo analisa o planejamento regional chinês, especialmente sob a visão de Deng Xiaoping, e o compara com as ideias de Ignácio Rangel, economista brasileiro. A análise explora os pilares do planejamento chinês, os problemas a serem resolvidos para propiciar o bem coletivo e as estratégias de experimentação seguidas da expansão de práticas bem-sucedidas, unificadas no desenvolvimento das forças produtivas por meio de investimentos em infraestrutura. O texto inicia-se com uma análise etimológica dos termos *desenvolvimento* e *região* em mandarim (发展 [fazhan] e 区域性 [qūyùxìng]). Para os chineses, *desenvolvimento* é um processo expansivo contínuo, enquanto *região* vai além das divisões geográficas, integrando aspectos emocionais e humanos. Posteriormente, analisam-se discursos de Deng Xiaoping e seus argumentos para priorizar o desenvolvimento das regiões costeiras a fim de impulsionar o crescimento nacional, o que também gerou desigualdades regionais, provocando debates sobre o tema. O artigo conclui conectando as ideias de Rangel sobre planejamento e investimentos em infraestrutura com a abordagem de Deng. Baseado no planejamento estatal, o desenvolvimento regional chinês visa integrar as províncias com grandes projetos de infraestrutura, promovendo conectividade e reduzindo desigualdades ao conectar áreas menos desenvolvidas à economia, incentivando reflexões sobre desenvolvimento e desigualdades regionais.

Palavras-chave: Desigualdades regionais. Planejamento. Infraestrutura.

ABSTRACT

This article analyzes Chinese regional planning, particularly through the perspective of Deng Xiaoping, and compares it with the ideas of Brazilian economist Ignácio Rangel. The analysis explores the pillars of Chinese planning, addressing problems to be solved for the collective good, as well as experimental strategies followed by the expansion of successful practices, unified through the development of productive forces via infrastructure investments. The text begins with an etymological analysis of the terms *development* and *region* in Mandarin (发展 [fazhan]) and 区域性 [qūyùxìng]). In Chinese view, *development* is a continuous and expansive process, while *region* goes beyond geographical divisions, integrating emotional and human aspects. It then examines Deng Xiaoping's speeches and his arguments for prioritizing coastal regions' development to drive national growth, which also generated regional inequalities and sparked debates on the subject. The article concludes by connecting Rangel's ideas on planning and infrastructure investments with Deng's approach. Based on state planning, Chinese regional development aims to integrate provinces through large infrastructure projects, promoting connectivity and reducing inequalities by linking less developed areas to the economy, encouraging reflections on development and regional inequalities.

Keywords: Regional inequalities. Project planning. Infrastructure.

1. INTRODUÇÃO

Desenvolvimento é tema central em discussões cotidianas, em debates acadêmicos, de caráter político ou filosófico. Os qualificativos *sustentável*, *nacional*, *regional* apontam a complexidade do conceito e se estendem por várias escalas analíticas.

Santos (2011), em texto que discute relações entre planejamento e desenvolvimento, afirma que nos países capitalistas, especialmente os subdesenvolvidos, as causas da pobreza passam certamente pelo planejamento, que é parte das práticas e técnicas que garantem a manutenção e o aprofundamento da pobreza. O autor constatou, em estudos na década de 1970, que países socialistas conheciam um tipo diferente de planejamento.

O “planejamento socialista”, tal como ocorre na China, ainda é pouco conhecido, em parte porque as ferramentas conceituais utilizadas para investigá-lo precisam ser aperfeiçoadas para captar o que há nele de “não capitalista”, um planejamento executado sob um socialismo com características chinesas. Neste, a complexidade das relações interescares passa pela centralidade do comando do Estado, que articula o regional ao global segundo interesses soberanos, priorizando a solução de problemas objetivamente definidos pelas demandas locais.

No caso brasileiro, as discussões acerca do desenvolvimento regional não estão, necessariamente, orientadas pelas demandas nacionais, porque são mediadas por influentes interesses corporativos da propriedade privada da terra e do lucro individual sobreposto ao interesse social. Residiria na superação dessas condições a estrutura basilar do “planejamento regional com características chinesas”?

Este artigo procura refletir sobre uma abordagem socialista de desenvolvimento regional. Pensamos em alguns conceitos presentes na literatura chinesa, como *desenvolvimento*, *região* e *desenvolvimento regional*, específicos de um país de dimensões populacionais e territoriais enormes, e elencamos alguns exemplos do papel de megaprojetos que entrelaçam o regional ao desenvolvimento das forças produtivas, orientado para a transformação social. As tradicionais disputas regionais capitalistas são substituídas pela definição de investimentos prioritários, com efeitos na geração de empregos, que envolvem ganhos na produtividade do trabalho, promovendo, dessa forma, o desenvolvimento econômico.

O texto faz inicialmente uma análise etimológica dos termos *desenvolvimento* e *desenvolvimento regional* na perspectiva chinesa. Posteriormente são analisados textos de Deng Xiaoping e, por fim, contextualizados alguns dados acerca da sociedade chinesa na atualidade, para um diálogo com as ideias de projeto de Ignácio Rangel.

A primeira parte, portanto, inicia o debate sobre o conceito de desenvolvimento regional em uma perspectiva chinesa, considerando-se importante analisar os termos *desenvolvimento* (发展 [fazhan]) e *região* (区域性 [qūyùxìng]) no contexto do mandarim, pois o termo *desenvolvimento* na China vai além da visão ocidental de crescimento econômico, incorporando a ideia de um processo contínuo e expansivo, simbolizado pelas noções de “desdobrar” e “propagar”. Já *região* não se limita a denotar divisões geográficas, mas também integra aspectos emocionais e humanos, sugerindo uma intrínseca conexão entre o espaço físico e as necessidades sociais. Essa interpretação revela uma visão chinesa de desenvolvimento regional como processo gradual e dinâmico, fortemente ligado à interação entre espaço e sociedade.

No segundo momento, o texto aborda a visão de Deng Xiaoping sobre o desenvolvimento regional da China e sua relação com o socialismo. Deng introduziu um enten-

dimento acerca de desenvolvimento regional que priorizou o desenvolvimento das regiões costeiras, permitindo-lhes prosperar primeiro para que depois pudessem “ajudar” o interior. Essa política gerou crescimento econômico rápido, mas também aumentou as desigualdades regionais, o que alimentou o debate sobre desenvolvimento na China. Deng argumentou que o enriquecimento de alguns não era uma falha do socialismo, mas uma estratégia para alcançar a prosperidade comum. Ele também enfatizou a importância do setor público e da redistribuição da riqueza para evitar a polarização social.

A abordagem de Deng, focada na eficiência e no crescimento econômico, contrasta com políticas ocidentais, que tendem a priorizar a igualdade desde o início. No Brasil, por exemplo, o desenvolvimento regional sempre foi visto como uma extensão do desenvolvimento nacional, com políticas como as baseadas na teoria dos polos de desenvolvimento, que concentrava investimentos em áreas estratégicas. Na China, a estratégia de desenvolvimento desigual resultou em crescimento rápido, mas com disparidades regionais, destacando a complexidade do debate sobre desenvolvimento em diferentes contextos políticos.

Este artigo apresenta a relação entre desenvolvimento no âmbito espacial, especialmente o regional, considerando a importância de grandes projetos para gerar os estímulos econômicos, sociais e espaciais, e por isso mesmo é realizada uma abordagem da relação entre ideias de Ignácio Rangel e argumentos e proposições de Deng Xiaoping. Com isso, o desenvolvimento regional com características chinesas permite perceber a utilização do “projetamento” como “sofisticado nível de planificação”, aplicada à materialização dos investimentos em infraestrutura estratégica, como ferrovias, rodovias e portos, visando à integração das províncias e à elevação das forças produtivas. Essa abordagem centralizada, defendida por líderes como Deng Xiaoping, é baseada na premissa de que a intervenção estatal é crucial para o crescimento econômico, especialmente ao criar condições que fomentem a distribuição de recursos e o comércio exterior, promovendo o desenvolvimento regional e reduzindo as desigualdades.

A infraestrutura se apresenta, portanto, como elemento fundamental nesse processo, funcionando como um “canal de irrigação” entre regiões mais e menos desenvolvidas e promovendo o fluxo de mercadorias, serviços e pessoas a um custo reduzido, graças à provisão estatal. Esse desenvolvimento regional também é impulsionado pela conectividade, que põe áreas menos desenvolvidas em contato com a economia global, e pela “urbanização do campo”, que eleva a qualidade de vida nas zonas rurais. A atuação do Estado no planejamento de longo prazo, conforme observado por Deng e economistas como Ignácio Rangel, sugere que o projetamento é essencial para superar as limitações do mercado e garantir um crescimento econômico sustentável e equilibrado.

2. A ETIMOLOGIA REVELADORA DE PRINCÍPIOS INERENTES AO PLANEJAMENTO

Para iniciar o debate acerca do conceito de desenvolvimento regional em uma perspectiva chinesa, apresentamos os termos *desenvolvimento*, *região* e *desenvolvimento regional* em mandarim, e com isso nos apropriamos das narrativas acerca de transformações espaciais, para posteriormente explorar significados inerentes à língua¹.

¹ Para a discussão acerca dos aspectos semânticos e fonossemânticos das palavras e ideogramas chineses, foi utilizada a versão on-line do *Dong Chinese Dictionary*. Trata-se de um dicionário que permite pesquisa de palavras em chinês, fornecendo definições, significados dos diferentes ideogramas, histórico deles, exemplos de uso, pronúncia e outros recursos para ajudar no aprendizado da língua chinesa (Dong, s.d.).

O termo *desenvolvimento* em mandarim pode ser traduzido como 发展 (*fazhan*), em pinyin. O primeiro caractere, 发 (*fā*), carrega múltiplos significados, como “enviar” ou “desencadear”. O segundo caractere, 展 (*zhǎn*), adiciona outra camada de significado e está relacionado à ideia de “rolar”, “desdobrar”, “espalhar”, “desenvolver”, implicando uma expansão gradual e contínua. O desenvolvimento, na visão chinesa, é entendido não apenas como um processo de crescimento, mas associa-se ao sentido de desdobrar, espalhar, desencadear. Assim, não se trata de algo linear, mas algo que se estende, propaga-se e flui para além de um processo somatório, remetendo a dualidade, uma noção mais ampla do que crescimento econômico, que predomina no pensamento ocidental. Em vez de uma transformação abrupta ou disruptiva, o desenvolvimento está alinhado a um processo de transformação suave, que se expande a partir de algo inicial. O sentido do termo 发展 não se limita a “crescimento econômico” ou “modernização tecnológica”, inclui a ideia de um progresso gradual que se desdobra ao longo do tempo e do espaço.

A composição etimológica de *regional* (区域性 [*qūyùxìng*]) oferece uma visão interessante da percepção chinesa sobre o espaço geográfico. O caractere 区 (*qū*) descreve uma área delimitada, um espaço contido, o que remete à ideia de território ou divisão geográfica. *Regional* é traduzido em chinês por 区域性 (*qūyùxìng*), em pinyin. Reunidos, os caracteres designam, primeiramente, o retrato de um grupo de coisas, uma área fechada; em segundo lugar, há um uso do composto fonossemântico para “terra”; e, em terceiro lugar, outro composto fonossemântico, que representa “coração”. O primeiro se apresenta como um *hanzi* (caractere chinês) que forma visualmente uma área circunscrita, que pode sugerir organização e controle sobre o espaço. Já o caractere 域 (*yù*) é formado por elementos que indicam “terra” e “coração”. O *regional*, para os chineses, é algo que vai além de simples divisões físicas. A inclusão de “coração” nesse caractere insinua que a região é, de certa forma, uma entidade em que há intrínseca conexão entre o espaço físico, o humano e o emocional, sendo um elemento estrutural para o funcionamento do conjunto.

Desenvolvimento regional, caso fosse formado pela junção exata dos dois termos, não se referiria apenas à reorganização espacial, mas às relações complexas entre o espaço e as transformações deste, entre o território e as necessidades humanas. Essas observações etimológicas revelam que, na cultura chinesa, o desenvolvimento regional pode ser compreendido como processo dinâmico, que se desenrola de maneira gradual e atrelada a demandas sociais, sendo estas, inclusive, de cunho emocional. Há um foco na integração entre as dimensões físicas e humanas do espaço, e as transformações são tanto espaciais quanto sociais.

Quando analisamos a literatura acadêmica sobre desenvolvimento e desenvolvimento regional, encontramos outra expressão para lidar com o tema. No artigo de Fan (1995), que discute desenvolvimento regional na China, há passagens sobre a discussão no país, com longa tradição acadêmica, inclusive por parte de consultores e mesmo planejadores que também são acadêmicos.

Vejamos a palavra *qingxie* e seu sentido nas políticas de desenvolvimento regional:

A etimologia da palavra chinesa *qingxie* é *inclinação*, *declive* ou *gradiente*, e, no contexto do desenvolvimento regional, refere-se ao tratamento preferencial que beneficia algumas regiões. Quanto maior for o grau ou o ângulo de *qingxie*, maior será a extensão do tratamento preferencial. Podemos imaginar um tabuleiro sobre o qual estão colocados os ingredientes do crescimento econômico; se o tabuleiro estiver assente num pivô e



Deng Xiaoping, líder da China entre 1978 e 1992

inclinado para uma determinada região, esta receberá ainda mais ingredientes do crescimento econômico. Uma vez que, na prática, *qingxie zhengce* se refere às políticas que contribuem para o crescimento econômico de determinadas regiões, é traduzido como “políticas preferenciais” no presente documento (Fan, 1997, p. 625, tradução nossa).

A expressão utilizada por Fan (1997), *qingxie*, é formada pelos caracteres 倾 e 斜. O primeiro deles se apresenta como um composto fonossemântico de 亻, que está relacionado ao ser humano, e 顷, que representa o som, simbolicamente apresentado como 傾. O primeiro caractere, que em *pinyin* se traduz como *qīng*, tem correspondência com os verbos perguntar, solicitar, convidar, pedir (por favor), enquanto *xié* é composto pelo radical 斗, que pode ter significado de “luta” ou “batalha”, e o elemento 余, que tem sentido de “sobrear”, “exceder”. Juntos, formam a ideia de inclinação ou algo oblíquo.

No contexto de discussões regionais, *qingxie* significa “inclinando-se para” ou “favorecendo (uma determinada região)”. No entanto, também carrega nuances de solicitação e demanda, isso implicando que a inclinação não é apenas imposta, mas pode surgir de solicitações ou necessidades sociais ou regionais que são específicas. A expressão sugere que questões de desenvolvimento regional ou questões regionais se relacionam com ações que podem pender ou ser ajustadas para beneficiar determinadas regiões mais do que outras, um fenômeno que é, por vezes, justificado pela necessidade de corrigir disparidades econômicas, desigualdades regionais ou desigualdades socioespaciais. Milton Santos utilizava a expressão “promover o crescimento em territórios opacos”, por exemplo. O termo *opacos*, empregado por ele no sentido figurado, aponta para a diferenciação espacial relacionada a territórios, referindo-se àqueles que têm menor densidade técnica e informacional e, portanto, tornam-se a preocupa-

ção do planejamento; outros, chamados de *luminosos*, apresentam maior capacidade de atrair atividades econômicas, capitais, tecnologia (Santos, 1996, p. 194).

Assim, a exploração dos significados inerentes à língua chinesa nos oferece uma chave para entender as práticas de desenvolvimento regional na China, especialmente se considerados os aspectos culturais.

3. O DESENVOLVIMENTO DESIGUAL COMO PARTE DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Como em toda sociedade, na China é possível perceber oscilações, divergências e transformações no entendimento do desenvolvimento e do desenvolvimento regional ao longo do tempo, variação que também é inerente ao debate acadêmico, sendo possível reconhecer diferentes perspectivas entre o planejamento ocidental capitalista e o caso chinês.

Realizamos uma aproximação ao debate através de pesquisa nos discursos de Deng Xiaoping, pela importância desse líder político e pela forma como ele deixou registrado alguns princípios do socialismo para aplicação no exercício concreto do planejamento. Na literatura acadêmica, foi possível encontrar diversos elementos sobre o desenvolvimento e o desenvolvimento regional, invariavelmente em busca da redução das desigualdades, o que também foi recorrente no período de Mao Zedong.

Há um par dialético entre equilíbrio e desequilíbrio nas relações regionais que foi definido no sentido de que a região mais desenvolvida proporcionasse condições para o desenvolvimento da região menos desenvolvida. A produção de riqueza através do desenvolvimento das forças produtivas, ao consolidar o desenvolvimento de determinadas regiões, contribuía para que ele atingisse regiões menos favorecidas. “Das políticas redistributivas maoistas ao modelo de desenvolvimento desigual de Deng e ao atual Nono Plano Quinquenal (1996-2000), a política regional chinesa passou por várias décadas de tentativas, ajustes e reajustes.” (Fan, 1997, p. 620, tradução nossa)

O desenvolvimento regional na China nas décadas em que esteve sob a liderança de Deng Xiaoping, em vez de garantir redução de disparidades e, desigualdades, como desdobramento do processo de desenvolvimento, apresentou uma compreensão dialética, de troca entre desiguais, partindo do estímulo da região mais desenvolvida à menos desenvolvida, sempre num movimento de avaliar os resultados, pensar sobre os processos e sua efetividade. No período maoista, a desigualdade entre o desenvolvimento das regiões costeiras e as demais teria se ampliado, ao invés de reduzir-se, e aumentaram as disparidades regionais, o que gerou divergências teóricas e políticas sobre a continuidade da estratégia e se ela seria suficiente:

As avaliações pós-Mao dessas políticas redistributivas criticaram sua negligência na eficiência econômica e seu fracasso em acelerar o crescimento econômico nacional. Então, a ascensão de Deng ao poder trouxe uma reversão gritante das prioridades de desenvolvimento regional. Especificamente, a região costeira é designada para ser desenvolvida primeiro, com uma série de zonas abertas, reservadas para investimentos estrangeiros e rápido crescimento econômico. A política de desenvolvimento desigual de Deng levou a um aumento da diferença de desenvolvimento entre as áreas costeiras e o interior, contradizendo a tentativa de Mao de reduzir as disparidades regionais, mas de fato contribuiu para um forte crescimento econômico nacional. No entanto, o debate sobre o desenvolvimento regional continua (Fan, 1995, p. 620, tradução nossa).

Deng Xiaoping não via o crescimento de algumas regiões e indivíduos, antes de outros, como uma falha no socialismo, e sim como uma estratégia para que os mais prósperos (indivíduos ou regiões) pudessem liderar e apoiar o desenvolvimento dos menos prósperos (indivíduos ou regiões)

A partir de 1978, no século XX, a China fez uso de uma política de desenvolvimento regional que, em lugar de buscar alcançar o equilíbrio regional, reconheceu possibilidades de determinadas áreas em alavancar a organização produtiva e a acumulação de riqueza. A *teoria da escada* seria, portanto, uma forma de estimular vantagens, por exemplo, da região litorânea:

Essa política espacial nacional mudou desde que a China abriu suas portas para o mundo em 1978. Na década de 1980, uma política de desenvolvimento regional diferenciado, ou a chamada “teoria da escada” das regiões costeiras, centrais e ocidentais, foi proposta para o planejamento durante o período socialista. Em vez de buscar o equilíbrio regional, a política reconheceu as vantagens da região costeira (Wu, 2015, p. 27-28, tradução nossa).

Para entender o pensamento acerca do desenvolvimento regional, foram analisados discursos do líder chinês — particularmente, foi analisada uma obra que reúne textos e discursos de Deng Xiaoping, intitulada *Selected works of Deng Xiaoping* e organizada em três volumes (Deng, 2001a; 2001b; 2001c). O primeiro e o segundo volumes, de maneira geral, dedicam-se a analisar questões regionais e aspectos do controle do território com enfoque na compreensão do comportamento dos grupos guerrilheiros e outros. No volume 3, há uma discussão mais dedicada a compreender o desenvolvimento, o crescimento econômico e a riqueza como processos, e como estes deveriam ser conduzidos na China, considerando aspectos diversos, dentre eles os aspectos regionais. No trecho abaixo, Deng faz menção ao socialismo como princípio e compara relações entre indivíduos e regiões:

O objetivo do socialismo é tornar nosso povo próspero, não criar polarização. Se nossas políticas levassem à polarização, isso significaria que falhamos. Se uma nova burguesia surgisse, isso significaria que nos desviamos do caminho certo. Ao encorajar algumas regiões a tornarem-se prósperas em primeiro lugar, pretendemos que inspirem outras a seguirem o seu exemplo e que todas elas ajudem as regiões economicamente atrasadas a desenvolverem-se. O mesmo vale para alguns indivíduos. Um limite deve ser dado à riqueza das pessoas que se tornam prósperas primeiro, por meio do imposto de renda, por exemplo. Além disso, devemos incentivá-las a contribuir com dinheiro para admi-

nistrar escolas e construir estradas, embora não devamos definitivamente estabelecer cotas para elas. Devemos encorajar essas pessoas a fazer doações, mas é melhor não dar muita publicidade a essas doações (Deng, 2001c, p. 76, tradução nossa).

O trecho citado reflete a visão adotada no processo de reformas econômicas da China, especialmente durante o final do século XX. A ênfase está na prosperidade do povo como objetivo final, não em uma polarização que perpetue desigualdades ou que promova o surgimento de uma nova burguesia. Deng Xiaoping não via o crescimento de algumas regiões e indivíduos, antes de outros, como uma falha no socialismo, e sim como uma estratégia para que os mais prósperos (indivíduos ou regiões) pudessem liderar e apoiar o desenvolvimento dos menos prósperos (indivíduos ou regiões), segundo sua analogia.

Sobre o emprego de fundos estrangeiros, comenta:

As políticas de utilização de fundos estrangeiros e de expansão do setor privado não enfraquecerão a posição predominante do setor público, que é uma característica básica da economia no seu conjunto. Pelo contrário, essas políticas visam, em última análise, desenvolver mais vigorosamente as forças produtivas e fortalecer o setor público. Enquanto o setor público desempenhar um papel predominante na economia da China, a polarização pode ser evitada. É claro que algumas regiões e algumas pessoas podem prosperar antes de outras, e então ajudar outras regiões e pessoas a fazer o mesmo, gradualmente. Estou convencido de que os fenômenos negativos que agora se podem encontrar na sociedade diminuirão gradualmente e acabarão por desaparecer à medida que a economia crescer, à medida que os nossos níveis científicos, culturais e educativos aumentarem e à medida que a democracia e o sistema jurídico forem reforçados (Deng, 2001c, p. 100, tradução nossa).

Deng Xiaoping aborda a importância de um setor público predominante, o incentivo ao uso de fundos estrangeiros e a expansão do setor privado, no contexto das reformas econômicas da China. Além disso, reforça a ideia de que o crescimento econômico, acompanhado por avanços na ciência, na educação, na cultura e na democracia, seria o caminho para a redução gradual dos problemas sociais.

Alega que, à medida que o país se desenvolva em todos esses aspectos, os “fenômenos negativos” presentes na sociedade — como desigualdade e corrupção — diminuirão, e finalmente desaparecerão através de um modelo que será capaz de equilibrar as necessidades de crescimento com justiça social.

No discurso intitulado “Let the facts speak for themselves” (Que os fatos falem por si), em março de 1986, Deng Xiaoping continua seu argumento acerca do controle sobre o desenvolvimento regional, destacando algo muito perseguido no planejamento ocidental, principalmente o brasileiro: a busca pela igualdade, pela redução das desigualdades — considerando, porém, que há um tempo e um ritmo particular para cada região. Nos comentários de Deng:

A nossa reforma começou no campo e aí obteve um primeiro sucesso. No entanto, algumas áreas rurais são mais desenvolvidas do que outras. Cerca de 10% delas, principalmente as áreas áridas no Noroeste e algumas áreas no Sudoeste, ainda não saíram da pobreza. É nossa política deixar algumas pessoas e algumas regiões prosperarem antes de outras, para que possam levar consigo as regiões atrasadas. As regiões avançadas têm



Ao mesmo tempo que combatia a ideia de que o enriquecimento é incompatível com os princípios socialistas, Deng Xiaoping argumentava que a prosperidade econômica é essencial

a obrigação de ajudar as que ficaram para trás. Mantemos o caminho socialista para atingir o objetivo final da prosperidade comum, mas é impossível que todas as regiões se desenvolvam no mesmo ritmo. Costumávamos praticar o igualitarismo, com todos “comendo da mesma panela grande”. Entretanto, essa prática significava atraso e pobreza comuns, o que nos causou muito sofrimento. A reforma é projetada, em primeiro lugar, para romper com o igualitarismo, com a prática de fazer com que todos “comam da mesma panela grande”. Parece-me que estamos seguindo o caminho certo (Deng, 2001c, p. 104, tradução nossa).

Na passagem a seguir fica evidente que se trata de pensar em regiões e indivíduos e no processo de desenvolvimento de cada uma de forma singular, considerando aceitar o potencial daquelas que têm condição de avançar mais rapidamente que as outras:

Tenho defendido consistentemente que algumas pessoas e algumas regiões devem poder prosperar antes de outras, sempre com o objetivo de prosperidade comum. Se algumas regiões se desenvolverem um pouco mais rápido, elas estimularão as outras a alcançá-las. Esse é um atalho que podemos tomar para acelerar o desenvolvimento e alcançar a prosperidade comum (Deng, 2001c, p. 111, tradução nossa).

Deng Xiaoping alegava serem de extrema importância esforços para o desenvolvimento das forças produtivas, pois só seria possível avançar com base no modelo de sociedade com crescimento da produção de riqueza:

Não pode haver comunismo com pauperismo, nem socialismo com pauperismo. Portanto, ficar rico não é pecado. No entanto, o que queremos dizer com ficar rico é diferente do que outros querem dizer. A riqueza em uma sociedade socialista pertence ao povo. Ficar rico em uma sociedade socialista significa prosperidade para todo o povo. Os princípios do socialismo são: primeiro, o desenvolvimento da produção, e, segundo, a prosperidade comum. Permitimos que algumas pessoas e algumas regiões se tornem prósperas primeiro com o objetivo de alcançar a prosperidade comum mais rapidamente. É por isso que



Obras da Ferrovia Norte-Sul entre Palmas (TO) e Anápolis (GO), em janeiro de 2014. O obra é financiada pelo Fundo de Desenvolvimento do Nordeste (FDNE), administrado pela Sudene. Investimentos estatais em infraestrutura, conforme o pensamento de Ignácio Rangel, estão na base da ideia de projeto

nossa política não levará à polarização, a uma situação em que os ricos ficam mais ricos enquanto os pobres ficam mais pobres. Para ser franco, não permitiremos o surgimento de uma nova burguesia (Deng, 2001c, p. 115, tradução nossa).

Nesse trecho, Deng Xiaoping reforça sua visão sobre a relação entre socialismo e riqueza. Ao mesmo tempo que combate a ideia de que o enriquecimento é incompatível com os princípios socialistas, argumenta que a prosperidade econômica é essencial. Ou seja, na concepção de desenvolvimento de Deng Xiaoping, a riqueza tem uma função social. Socialmente produzida, a riqueza somente se justifica na medida em que beneficia o conjunto da sociedade. Tal concepção apresenta-se como antagonista à conformação de uma sociedade burguesa, marcada pelo individualismo competitivo e acumulador do capital socialmente produzido:

Por realizar a política aberta, aprender tecnologias estrangeiras e utilizar capital estrangeiro, queremos dizer promover a construção socialista, e não desviar do caminho socialista. Pretendemos desenvolver as forças produtivas, expandir a propriedade pública socialista e aumentar a renda do povo. O propósito de permitir que algumas regiões e algumas pessoas se tornem prósperas antes de outras é permitir que todas elas prosperem eventualmente. Temos de garantir que não haja polarização da sociedade — é isso que o socialismo significa (Deng, 2001c, p. 130, tradução nossa).

O enriquecimento individual ou regional que Deng defende tem um propósito coletivo: alcançar a prosperidade comum. Isso é parte de sua estratégia para promover o desenvolvimento econômico, garantindo que este seja sempre conduzido por uma lógica dedicada ao país:

As áreas costeiras, que compreendem uma vasta região com uma população de 200 milhões, devem acelerar sua abertura para o mundo exterior, e devemos ajudá-las a se desenvolver rapidamente primeiro; depois, elas podem promover o desenvolvimento das províncias do interior, devem se subordinar a ele. Quando as áreas costeiras se

desenvolverem até certo ponto, elas serão obrigadas a dar ainda mais ajuda ao interior. Então, o desenvolvimento das províncias do interior será de suma importância, e as áreas costeiras, por sua vez, terão de se subordinar a ele. Se o Comitê Central e o Conselho de Estado não tiverem autoridade, nada disso poderá ser feito. Cada região agiria apenas em seu próprio interesse, sem qualquer coordenação, neutralizando o esforço das outras. Quem pode coordenar seus esforços? Somente a liderança central — quero dizer, o Comitê Central e o Conselho de Estado (Deng, 2001c, p. 181, tradução nossa).

O líder chinês afirma, portanto, que, após o processo inicial de favorecimento a regiões em melhores condições de concentrar investimentos, seria necessária alteração subsequente para redistribuição do valor acumulado, proveniente da liberalização econômica, para o desenvolvimento do interior.

Portanto, no contexto político e social chinês dos anos 1950 aos anos 1980, constata-se diversos esforços para o debate acerca do desenvolvimento, incluindo especificações espaciais para dar conta desse fenômeno.

Fan (1997) observou que o desenvolvimento desigual foi o centro do debate por longo período, e a partir da chegada de Deng Xiaoping ao poder houve mudanças no entendimento dessa questão:

Ao endossar o socialismo com características chinesas e enfatizar a eficiência em vez da equidade, Deng se tornou uma grande força por trás da reversão da política regional. Ele apoia o conceito de estágios de desenvolvimento, que legitima o desenvolvimento regional desigual como um resultado natural e inevitável do processo de desenvolvimento. Uma vez que o estigma sobre o desenvolvimento regional desigual é removido, tanto a pesquisa chinesa quanto a política regional ficam livres para defender as vantagens comparativas, a especialização regional, a divisão regional do trabalho e um crescimento econômico encabeçado pelas exportações (Fan, 1995, p. 632, tradução nossa).

O entendimento do desenvolvimento e do desenvolvimento regional no Brasil ou na China aponta para o fato de que esses países adotam abordagens distintas, moldadas por seus contextos históricos, sociais, econômicos e, sobretudo, por objetivos políticos.

No Brasil, o desenvolvimento regional é tradicionalmente visto como uma extensão do desenvolvimento nacional, com ênfase na redução das disparidades e desigualdades regionais como parte de um processo mais amplo de acumulação de capital e elevação dos padrões de vida. As críticas apontadas por Santos (2011) indicam preocupação com a influência do desenvolvimento capitalista e suas implicações ideológicas e teleológicas. No capitalismo, haveria possibilidade de “contribuição” de regiões mais prósperas a regiões menos prósperas? Parte da política de desenvolvimento regional brasileira fez uso da teoria dos polos de desenvolvimento, proposta por Perroux e largamente empregada nos anos 1970, que determina uma concentração de investimentos em determinados pontos para posteriormente estendê-los ao entorno. A ocupação da Amazônia Legal, no período entre 1964 e 1978, por exemplo, priorizou os polos agropecuários, polos minerais, polos madeireiros e outros.

Na China, especialmente desde as reformas iniciadas por Deng Xiaoping, foram adotadas abordagens orientadas para a eficiência. A política de desenvolvimento regional desigual, que favoreceu inicialmente regiões costeiras, exemplifica uma estratégia de crescimento rápido e aproveitamento de determinados tipos de vantagem.

Após o processo inicial de favorecimento a regiões em melhores condições de concentrar investimentos, seria necessária alteração subsequente para redistribuição do valor acumulado, proveniente da liberalização econômica, para o desenvolvimento do interior

A teoria da escada e as políticas preferenciais permitiram um crescimento econômico e ampliaram as disparidades regionais. No entanto, a abordagem de Deng Xiaoping também incluiu a redistribuição dos benefícios do crescimento econômico para regiões menos desenvolvidas, uma vez atingido um certo nível de desenvolvimento nas áreas mais avançadas.

Portanto, pode-se perceber que na China houve estímulos para o crescimento econômico e a criação e fortalecimento das forças produtivas de maneira diferenciada, mesmo considerada a existência de fases com predomínio de maior desigualdade, reconhecendo-se e explorando vantagens regionais para impulsionar o crescimento nacional, pois se considera um futuro, uma teleologia, que, sendo parte de um projeto de longa duração, tem no Estado um agente central de organização e controle e permite avanços a partir de uma liderança que busca crescimento da riqueza, com posterior distribuição desta.

4. DESENVOLVIMENTO REGIONAL COM CARACTERÍSTICAS CHINESAS: PLANEJAMENTO ESTATAL E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O desafio do planejamento regional no território chinês é ampliado pela heterogeneidade e dimensão continental do país, com vários biomas e enorme diversidade cultural e, principalmente, pela dificuldade de interiorização das melhorias na qualidade de vida, ainda que esse interior apresente baixa densidade demográfica (no caso chinês) e um alargamento no topo da pirâmide demográfica. Considerando-se a melhoria na expectativa de vida, é notável que as políticas de desenvolvimento regional têm sido efetivas, já que a China superou os Estados Unidos naquele indicador em 2021.

Além dos princípios discutidos anteriormente, principalmente o desequilíbrio e o impulso fornecido pelas regiões desenvolvidas, há o detalhe de como operacionalizar as intenções socialistas, o que é feito com ciência, pois não basta elencar objetivos e prioridades, é preciso execução, materialização no espaço das proposições priorizadas pela política. A primeira constatação é que o Estado planejador chinês detém o controle das alavancas essen-



A engenharia empregada na construção da Muralha da China é uma plena demonstração da capacidade social de execução, em tempo de recursos escassos e meio hostil

ciais do comando do organismo econômico²; o controle do uso do solo é uma delas, eficiente arranjo dos fatores terra, trabalho e capital.

Outro fator é a capacidade socialmente acumulada de domínio da natureza, a elaboração do plano, dos projetos, a execução e gestão. A título de comentário, a engenharia empregada na construção da Muralha da China é uma plena demonstração da capacidade social de execução, em tempo de recursos escassos e meio hostil.

Os investimentos em infraestrutura, ao construir redes que unificam e integram as províncias, funcionam como canais de irrigação das regiões desenvolvidas para as deprimidas, criam meios de circulação de moradores do interior para oferecer-lhes contato com o cosmopolitismo da vida urbana, proporcionam fluxos de mercadorias e serviços a um custo baixo, porque são serviços e infraestrutura providos pelo Estado. O movimento dinâmico criado pelos meios de transporte, notadamente os ferroviários, entre províncias, confere às coisas utilidades que elas não tinham antes, como o consumo da paisagem, por exemplo. As províncias e seus modos de vida, com toda sua riqueza étnica e cultural, ao suscitar a curiosidade, atraem fluxos de turistas. Se considerarmos a classe média chinesa, em torno de 800 milhões de pessoas, só o turismo interno já apresenta números significativos³.

A “urbanização do campo”, levando melhorias materiais ao estilo de vida do campesinato, pode não diminuir a tendência de longo prazo de migração campo-cidade, mas possibilita à população idosa usufruir dos benefícios do socialismo sem se sujeitar à famosa desterritorialização. As *township and village enterprises* (TVEs — distritos e vilas empresariais) são uma experiência que absorve força de trabalho e apresenta significativa produção industrial. Essa experiência consistiu em organizações produtivas que emergiram principalmente em áreas rurais da China no final dos anos 1970. Essas empresas desempenharam um papel fundamental na absorção de mão de obra excedente do setor agrícola, promovendo a diversificação econômica e a industrialização rural (Masiero, 2006).

² Segundo Rangel (2005, p. 187): “O planejamento é impossível, a menos que o planejador — e este não pode ser outro senão o Estado — controle as alavancas essenciais do comando do organismo econômico.”

³ Há estudos sobre a contribuição do turismo para o crescimento econômico e sua distribuição espacial em Liu *et al.* (2022).

A expansão da conectividade também põe províncias menos desenvolvidas em contato com a atividade do comércio exterior, o que é objeto do planejamento chinês e estratégia de crescimento econômico assumida e exitosa. O ganho de escala que é alcançado pelo acesso à demanda internacional favorece a redução das desigualdades, gera ganhos de escala e produtividade, emprego e renda. Os bens e serviços geram novos bens e serviços, em uma combinação dinâmica que impulsiona a mudança tecnológica. O planejamento chinês consiste em promover a distribuição no tempo e no espaço dos recursos sociais disponíveis, também servindo como indutor dos investimentos privados e adensando as cadeias produtivas que resultaram em desenvolvimento regional.

Nos textos e discursos de Deng Xiaoping, também constam menções à importância de investimentos em infraestrutura para dar conta do modelo de desenvolvimento nacional:

Se quisermos aproveitar as oportunidades para promover o desenvolvimento integral da China, é crucial expandir a economia. As economias de alguns países e regiões vizinhas estão crescendo mais rápido do que a nossa. Se nossa economia estagnar ou se desenvolver lentamente, as pessoas farão comparações e perguntarão por quê. Portanto, as áreas que estão em condições de se desenvolver não devem ser obstruídas. Onde as condições locais permitirem, o desenvolvimento deve prosseguir o mais rápido possível. Não há nada com que se preocupar, desde que enfatizemos a eficiência e a qualidade e desenvolvamos uma economia orientada para a exportação. Crescimento lento é igual à estagnação e até retrocesso. Devemos aproveitar as oportunidades; o presente oferece uma excelente. A única coisa que me preocupa é que podemos perder oportunidades. Se não as dimensionarmos bem, elas escorregarão por entre nossos dedos com o passar do tempo. No desenvolvimento da economia, devemos nos esforçar para alcançar um nível mais alto a cada intervalo de poucos anos (Deng, 2001c, p. 183, tradução nossa).

A “expansão da economia” como elemento crucial do desenvolvimento, ao contrário de políticas que restringem o crescimento a pretexto de evitar o aumento das desigualdades regionais, é evidente no pensamento de Deng, bem como o senso de oportunidade histórica.

Em 1984, Deng Xiaoping faz um discurso intitulado “We must follow our own road in economic development as we did in revolution” (Devemos seguir nosso próprio caminho no desenvolvimento econômico, como fizemos na revolução) (Deng, 2001c, p. 66). Para tanto, em 1986, em uma conversa com o primeiro-ministro do Japão, Deng faz uma fala intitulada “On the reform of enterprises and of the banking system” (Sobre a reforma das empresas e do sistema bancário), na qual destaca os investimentos em infraestrutura:

Para reduzir o déficit, a escala da formação de capital, especialmente de projetos não produtivos, deve ser mantida sob controle. Como a receita do governo central foi reduzida, ele não pode empreender muito. Parte dos fundos arrecadados pelas autoridades locais e do capital ocioso coletado da sociedade em geral deve ser investida em projetos de infraestrutura. Essa é a única solução para nós. Além disso, não devemos permitir que a demanda do consumidor se expanda muito rapidamente (Deng, 2001c, p. 128, tradução nossa).

Em 1989, ao ser questionado, reitera afirmação sobre a necessidade de esforços que devem convergir para a construção e oferta de infraestrutura para o crescimento econômico chinês:

O que devemos fazer a partir de agora? Na minha opinião, devemos continuar a seguir inabalavelmente a linha básica, os princípios e as políticas que formulamos. Não deve haver alterações neles, exceto algumas mudanças de redação, se necessário. Essa questão do que devemos fazer a partir de agora foi levantada, e espero que a senhora deputada a considere cuidadosamente. Quanto e aonde o investimento deve ir e onde os fundos devem ser usados, sou a favor de aplicá-los para fortalecer as indústrias básicas e a agricultura. Devemos aumentar nosso investimento em indústrias básicas — de matérias-primas e semiacabados, transporte e energia. Devemos continuar a fazê-lo durante dez a 20 anos. Devemos aumentar nosso investimento nessas indústrias, mesmo que isso signifique endividar-nos. Pedir dinheiro emprestado também é uma forma de se abrir para o exterior. Nesse sentido, devemos mostrar mais coragem, não cometeremos grandes erros. Podemos realizar muitas coisas se tivermos mais energia elétrica e construirmos mais ferrovias, rodovias e portos. Os estrangeiros preveem que, no futuro, necessitaremos de 120 milhões de toneladas de aço por ano. Nossa produção atual é de cerca de 60 milhões de toneladas, apenas metade daquele número. Se renovarmos as empresas existentes e produzirmos 20 milhões de toneladas de aço, poderemos reduzir a importação de produtos siderúrgicos. Pedir dinheiro emprestado ao exterior para esse fim é algo que faz parte da reforma e da abertura. A questão que se apresenta agora não é se as políticas de reforma e abertura são corretas ou se devem ser implementadas, mas como realizá-las, o que abrir e o que fechar (Deng, 2001c, p. 199, tradução nossa).

Em 1990, Deng Xiaoping também argumenta sobre investimentos em ferrovias:

Parece-me que a agricultura tem um grande potencial de desenvolvimento e nunca devemos abrandar os nossos esforços a esse respeito. Quanto ao aço, para atender às nossas necessidades, temos de produzir de 100 milhões a 120 milhões de toneladas por ano. Trata-se de um objetivo de importância estratégica. Devemos construir mais centrais nucleares. Também é muito importante desenvolver campos de petróleo e gás, construir ferrovias e rodovias e proteger o ambiente natural. Para atingir o objetivo de quadruplicar o PIB até o final do século, teremos de fazer um trabalho sólido. Mas se conseguirmos alcançá-lo, em mais 30 a 50 anos nosso país estará entre os primeiros do mundo em força geral (Deng, 2001c, p. 235, tradução nossa).

As citações de Deng Xiaoping refletem a compreensão do papel do desenvolvimento econômico e da infraestrutura como pilares fundamentais para o crescimento econômico chinês. Ao longo de seus discursos, há ênfase na importância de “aproveitar oportunidades” e investir em setores estratégicos, como indústrias básicas, energia, transportes e infraestrutura, para garantir o progresso econômico contínuo. Essa visão de Deng sobre o papel central do Estado na alocação de recursos para a infraestrutura conecta-se ao pensamento de Ignácio Rangel sobre o conceito de projetamento. O desenvolvimento regional fez uso das estratégias do projetamento para alcançar seus objetivos.

Rangel, economista brasileiro, introduziu a ideia de projetamento como um estágio mais avançado de planificação, crucial para superar limitações do mercado em termos de desenvolvimento econômico de longo prazo. Para ele, o projetamento consistia em antecipar as necessidades futuras de um país e planejar investimentos em infraestrutura e setores estratégicos, de forma a garantir o desenvolvimento econômico. Essa abordagem parece se

Os investimentos em infraestrutura, ao construir redes que unificam e integram as províncias, funcionam como canais de irrigação das regiões desenvolvidas para as deprimidas

alinhar ao pensamento de Deng, especialmente no que diz respeito à ênfase na necessidade de construir ferrovias, rodovias, portos e investir em energia e agricultura como bases para o crescimento.

Há, portanto, enfoque na centralidade do Estado, e sugestão de que este deve desempenhar papel central na orientação do desenvolvimento, criando as condições para que forças produtivas se elevem, enquanto mantêm controle sobre a expansão de setores não produtivos, como argumentado por Deng em 1986: “A escala da construção de capital, especialmente de projetos não produtivos, deve ser mantida sob controle.” (Deng, 2001a, p. 128, tradução nossa) De maneira semelhante, Rangel considerava que o desenvolvimento econômico não poderia depender exclusivamente das forças de mercado, exigindo uma intervenção estatal forte e coordenada, o que ele chamava de “projetamento”, como “estágio superior de planificação e, mesmo, da própria economia socialista de mercado”, conforme Jabbour *et al.* (2023)⁴.

O socialismo se relaciona com a elevação das forças produtivas e, como poder político estabelecido, [... com a] transformação essencial da propriedade em domínio público dos meios estratégicos da produção e da finança. O poder político assenta-se em formas específicas de propriedade cujo centro, sob o socialismo, mira o desenvolvimento ininterrupto das forças produtivas, desencadeando o surgimento de novas relações de produção (Jabbour; Capovilla, 2024, p. 15).

Essa conexão se fortalece quando examinamos a afirmação de Deng, em 1990, sobre a necessidade de investir em infraestrutura estratégica, como ferrovias, rodovias e energia, mesmo que isso implique contrair dívida externa (Deng, 2001c, p. 199). Esse enfoque é consistente com a ideia de projetamento de Rangel, que sugere que um país deve antecipar suas necessidades e investir em infraestrutura crítica para facilitar o desenvolvimento de longo prazo, o que por sua vez levaria à superação de crises econômicas cíclicas.

O pensamento de Deng Xiaoping sublinha o papel crucial do Estado na coordenação

⁴ Cf. também: Boa Nova, Cambuhy e Jabbour (2023), Jabbour e Dantas (2020), Jabbour e Gabriele (2021) e Jabbour e Moreira (2023).

nação do desenvolvimento econômico, especialmente no que se refere à infraestrutura e à gestão de investimentos estratégicos. Essa ênfase compartilhada na intervenção estatal direta, na antecipação das necessidades futuras e no controle sobre o capital ocioso oferece uma conexão importante para analisar o fenômeno do desenvolvimento.

Por fim, é preciso destacar que, na China, o planejamento regional analisa as regiões, define sua operacionalização espacialmente em macroescala, mas também avança esse modelo para o interior das áreas urbanas. A teoria da escada tratou o território levando em conta suas subdivisões regionais, mas é possível encontrar também exercícios intraurbanos como a teoria do *move first*⁵, que parece ser semelhante à ideia macro, com estímulos prioritários a pequenas áreas avançadas nas cidades, para posteriores investimentos em áreas mais deprimidas.

A constatação é que as análises espaciais são presentes e dinâmicas, com discussões que perpassam, inclusive, a atuação de líderes como Deng Xiaoping. Aprofundar a discussão do planejamento e projetamento e realizar análises escalares são sugestões finais para pensar os desafios da sociedade.

5. CONCLUSÃO

Desenvolvimento regional é um conceito amplamente debatido e de difícil definição, uma vez que envolve múltiplas dimensões políticas, sociais e econômicas. Ao examinar a perspectiva socialista do desenvolvimento, especialmente no contexto chinês, o artigo destacou que o planejamento estatal desempenha um papel central na condução desse processo, diferindo substancialmente das abordagens capitalistas.

Santos (2011), ainda na década de 1970, ao criticar o planejamento nos países subdesenvolvidos, argumentou que ele perpetua a pobreza. Em contrapartida, o planejamento socialista chinês, como destacado por Deng Xiaoping, adota uma abordagem diferenciada, em que a intervenção estatal é fundamental para alcançar o crescimento econômico e, ao mesmo tempo, reduzir as desigualdades regionais.

Foi exposto que o entendimento chinês acerca do desenvolvimento passa por um exercício inicial etimológico que atesta que *desenvolvimento* (发展 [fazhan]) vai além da simples expansão econômica, abrangendo a ideia de um processo contínuo e em constante transformação, e que a ideia de *região* (区域性 [qūyùxìng]) reflete uma dimensão que ultrapassa o físico, incluindo aspectos emocionais e sociais, conectando diretamente as necessidades da população às soluções propostas pelo planejamento estatal.

No artigo também foram reunidas e apresentadas ideias do líder chinês Deng Xiaoping que expuseram o entendimento da importância da priorização de determinadas regiões para impulsionar o crescimento econômico, permitindo que essas áreas enriquecessem primeiro para, posteriormente, auxiliar o interior.

Por fim, o artigo também estabeleceu uma comparação entre as ideias de Ignácio Rangel e a concepção chinesa de desenvolvimento regional, ressaltando o papel dos megaprojetos de infraestrutura no processo de integração das províncias e na elevação das forças

⁵ "Espera-se que as (re)institucionalizações geograficamente direcionadas sejam implementadas em nível intraurbano, com seis 'novas áreas estratégicas nacionais' (*guojia zhanlu e xinqu*) identificadas como zonas delimitadas dentro de cidades selecionadas para 'avançar primeiro, experimentar primeiro' (*xianxing xian shi*).” (Lim, 2014, p. 236)



Os projetos de infraestrutura estratégica na China incluem portos, rodovias, ferrovias e até um audacioso elevador de navios na estação hidrelétrica de Goupitan, no rio Wujiang

produtivas — infraestrutura vista como instrumento para conectar regiões desenvolvidas e subdesenvolvidas, facilitando o fluxo econômico e melhorando a qualidade de vida, especialmente em áreas rurais. Dessa maneira, o artigo conclui que, na concepção de desenvolvimento proposta por Deng Xiaoping, a riqueza só se justifica quando beneficia toda a sociedade, o que representa uma visão antagônica ao individualismo competitivo característico das sociedades capitalistas.

* Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU, 2003), mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2007) e doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG, 2012). Pós-doutoranda em Geografia estudando o tema “Sistema de inovação chinês: planejamento/projetamento da competitividade”, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Espíndola no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSC. Sócia fundadora da eeCoo Sustentabilidade. Professora titular de mestrado em Desenvolvimento Regional do Centro Universitário Alves Faria (Unialfa), Pesquisadora da Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular (Funadesp). Afiliada ao Microeconomia da Competitividade (MOC) do Instituto Michael Porter, da Universidade de Harvard. Países em que esteve presente para atividades acadêmicas e técnicas: França, Holanda, China, Chile, Estados Unidos e Cuba. *E-mail:* cintia.godoi@unialfa.com.br. *Orcid:* <https://orcid.org/0000-0001-5844-4497>

** Licenciada e bacharel (1990) e mestre (1994) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Presidente Prudente Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP, 2001). Professora titular de Geografia (li-

cenciatura e bacharelado) e docente de mestrado e doutorado na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Suas pesquisas têm ênfase em Geografia Econômica, principalmente nos temas: “Desenvolvimento econômico brasileiro”; “Reprimarização do território”; “Industrialização e desindustrialização”; “Geeconomia e relações Brasil-China”. Coordenou pesquisa sobre segurança pública nos municípios de fronteira de Mato Grosso do Sul, como parte das atividades do Enafron. Foi coordenadora do Mestrado em Geografia da UFGD (2006 -2009) e membro de avaliações dos programas de pós-graduação em Geografia pela Capes. Foi editora da *Revista da Anpege* (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, (2014 a 2017). Membro do Conselho Científico da *Revista de Geografia* (IBGE) e vários outros periódicos científicos. Realizou estágio de pós-doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2009), na Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales da Universidade Autónoma de Madrid (Espanha, 2016-2017) e no Instituto de Geociências da Universidade de Campinas (Unicamp, 2021-2022). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq. *E-mail*: lisandramoso@ufgd.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5705-3280>

*** Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco (FFCLDB, 1989). Mestre em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc, 2003). Doutor em Ciências Humanas pela UFSC (2010). Pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (UNC). Editor-chefe da revista *Profanações* (www.periodicos.unc.br/index.php/prof) da UNC. Foi professor visitante na Universidade de Granada (Espanha, 2023). Tem experiência na área de Filosofia Política com ênfase nos temas: “Democracia”, “Fascismo”, “Estado de exceção”, “Ética”, “Epistemologia” e “Desenvolvimento”. *E-mail*: sandro@unc.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9430-8684>

Este trabalho foi realizado com auxílio financeiro do CNPq.

► Texto recebido em 28 de outubro de 2024; aprovado em 02 de dezembro de 2024.

DONG Chinese Search Dictionary. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <<https://dong-chinese.com>>. Acesso em: 24 out. 2024.

DENG, Xiaoping. **Selected works of Deng Xiaoping**. Eugene: University of Oregon, 2001a. v. 1. Disponível em: <www.oregondigital.org/concern/documents/df72k239v>. Acesso em: 9 out. 2024.

_____. **Selected works of Deng Xiaoping**. Eugene: University of Oregon, 2001b. v. 2. Disponível em: <<https://www.oregondigital.org/concern/documents/df72k238k>>. Acesso em: 9 out. 2024.

_____. **Selected works of Deng Xiaoping**. Eugene: University of Oregon, 2001c. v. 3. Disponível em: <www.oregondigital.org/concern/documents/df72k239v>. Acesso em: 9 out. 2024.

FAN, Cindy. Of belts and ladders: State policy and uneven regional development in post-Mao China. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 85, n. 3, p. 421-449, 1995. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1995.tb01807.x>>. Acesso em: 10 out. 2024.

JABBOUR, Elias; CAPOVILLA, Cristiano. Pressupostos dialéticos acerca do socialismo e projeto na China de hoje. **Economia e Sociedade**, v. 33, n. 3, p. e281848, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3533.2024v33n3.281848>>. Acesso em: 10 out. 2024.

JABBOUR, Elias; DANTAS, Alexis. Ignácio Rangel na China e a nova economia do projeto. **Economia e Sociedade**, v. 30, n. 2, p. 287-310, 2021.

_____. The political economy of reforms and the present Chinese transition. **Brazilian Journal of Political Economy**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 789-807, 2017.

_____; ESPÍNDOLA, Carlos. China and market socialism: a new socioeconomic formation. **International Critical Thought**, v. 11, n. 1, p. 20-36, 2021.

JABBOUR, Elias et al. The (new) project economy as a higher stage of development of the Chinese market socialist economy. **Journal of Contemporary Asia**, v. 53, n. 5, 2023.

JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. **China**: o socialismo do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2021.

JABBOUR, Elias; MOREIRA, Wallace. From the national system of technological innovation to the “new project economy” in China. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 43, n. 3, p. 543-563, 2023.

LIM, Kean Fan. “Socialism with Chinese characteristics”: uneven development, variegated neoliberalization and the dialectical differentiation of state spatiality. **Progress in Human Geography**, v. 38, n. 2, p. 221-247, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0309132513476822>>. Acesso em: 10 out. 2024.

LIU, Jun et al. The contribution of tourism mobility to tourism economic growth in China. **Plos One**, v. 17, n. 10, e0275605, October 27, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0275605>>. Acesso em: 31 jan. 2025.

MASIERO, Gilmar. Origens e desenvolvimento das township and village enterprises (TVEs) chinesas. **Revista de Economia Política**, v. 26, n. 3, jul.-set. 2006.

MOAK, Ken; LEE, Miles. Deng Xiaoping theory: socialism with Chinese characteristics. In: _____. **China's economic rise and its global impact**. New York: Palgrave Macmillan, 2015. p. 91-115. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/9781137535580_6>. Acesso em: 10 out. 2024.

RANGEL, Ignácio. Introdução ao desenvolvimento econômico brasileiro. In: _____. **Obras reunidas**. Rio de Janeiro: Contraponto, [1955] 2005. v. 1, p. 129-202.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Economia espacial**: críticas e alternativas. São Paulo: Edusp, 2011. v. 1.

WU, Fulong. **Planning for growth**: urban and regional planning in China. New York: Routledge, 2015.

ZHOU, Shutian et al. The development of urban mega-projects in China: a case study of Nantong's metro project. **Environment and Planning B: Urban Analytics and City Science**, v. 48, n. 4, p. 759-774, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/2399808319894580>>. Acesso em: 10 out. 2024.